«unamos-nos todos sem diferença do credo politico ou religioso».

A assistencia recebeu estas palavras como uma descarga electrica, com verdadeiro pasmo.

Pois podia lá ser que o sr. Chaves apelasse para a união dos vareiros, sem discrepância do credo politico ou religioso:— ele que mandou para as penitenciarias, ainda lá por assim dizer meia duzia de dias, um grande grupo de homens desta terra e dos mais consideraveis e bemquistos, somente por serem seus adversarios e por não aceitarem submissos as suas imposições? ele que, aos condenados, os que não foram condenados e nem sequer foram acusados, preparou esses processos de agravamento de contribuições sob o pretexto de que eram monarchicos, obrigando muitos a gastar dinheiro além dos muitos incommodos que tiveram?—ele que a Camara faz arma para continuar o mesmo sistema de perseguição?—ele que, ainda há poucos dias, somente porque um padre, no legitimo uso dos seus direitos; quando a para um enterro em Guinhovai, vestiu os seus habitos alares, o ameaçou, perguntando-lhe se queria abusar?... E é este homem este politico que se dirige aos seus conterraneos pregando a união, sem diferença de partido ou de credo religioso!...

E onde ficam as lagrimas das familias, quando viram os seus, encerrados primeiro nas prisões de Ovar e depois nas penitenciarias, os pais, os maridos e os filhos?

Onde ficam as longas horas de amarguras sofridas pelo castigo injusto de innocentes arrastados perante os juizes por depoimentos falsos e por uma politica facciosa e intolerante?

Onde ficam as enormes despesas, os sacrificios de todos, parentes, amigos e indifferentes até?

Não, entre o sr. dr. Chaves os perseguidos está um mar de lagrimas que não é facil transportar.

Sente o chefe democratico que o chão lhe falta de baixo dos pés.

E' tarde para arripiar o canino.

O rancor não lhe deixou ouvir palavras de compaixão, quando as prisões estavam cheias; agora chegou a vez de provar os resultados—quem semeia ventos colhe tempestades.

Não lá entender...

O sr. dr. Chaves quer por força lançar novos impostos—mas tão pouca necessidade tem de receitas que nem sequer cobra os antigos que estão autorizados.

No ano passado poz em arrematação e foi arrematada a obração do imposto de exportação do sal e lenha.

O produto dessa arrematação, não pequeno, entrou certamente em cofre, sem trabalho e sem despesa.

Pois este ano nem poz em arrematação a cobrança desse imposto, nem ao menos o mandou cobrar durante o mez de Janeiro!...

Porque nem sequer se poz em arrematação o imposto?

Porque se não cobrou durante o mez passado e se está passando o mesmo no mez de Fevereiro?

E vem para o jornal dizer que precisam de receita!...

Vão lá entendê-los.

UM PRÉGADOR

O sr. Clemente Ferraz é um dos professores da supero-inferior, que deitou fala na sessão solene pela comemoração dos soldados do 24, mortos na Grande Guerra. Falou em grande parte pela cabeça do Alves Mendes, e como succede a quem fala de cór, o sr. Clemente provou que tinha um memoriam. Depois do exordio, que foi puxadinho, o sr. Ferraz combateu asperamente o *dezembrismo*, dizem-nos que com conhecimento de causa, pois o sr. Clemente teve a sua rasca nesse periodo da politica portuguesa, como um modesto obreiro do engrandecimento da sua Patria! No final da sua oração, o sr. Clemente disse-nos, tambem com conhecimento de causa, que para os campos de batalha da Grande Guerra, *tinham ido os bons republicanos!!!* A razão porque o sr. Clemente não marchou para a guerra, certamente que não foi por ser mau republicano; a nosso ver seria para não se desviar dos seus estudos sobre a moderna pedagogia, para mais tarde provar no sagrado exercicio do magisterio, como já provou, que é um ornamento da supero-inferior da R. da Fonte.

Os impostos municipais

Deixemos que as Juntas digam da sua justiça, agora que a Camara lhes mandou novos impostos a aprovar.

Esse assunto está por nós sobejamente discutido, e não temos nem de repisar argumentos, nem de emendar qualquer opinião.

Advogando a necessidade de o concelho continuar livre de peias e de tributos exagerados e iniquos, assumimos perante os nossos conterraneos a responsabilidade politica das ideias que defendemos. Nada temos a retirar, nada a corrigir.

Cumprimos um dever. Mais nada.

Resta de hoje em diante apenas apontar os factos que hão de servir para justificar quanto escrevemos.

Os impostos foram estabelecidos sobre a base de quem os pagava eram os estranhos.

Nunca esperavamos que tão depressa os factos viessem dar-nos razão.

A Camara foi a primeira a abandonar o imposto sobre o produto do pescado, que tinhamos combatido com o fundamento de se sobrearregar uma industria já esmagada por despesas e impostos excessivos e o imposto não ser pago pelos estranhos, mas pelas empresas.

A seguir manifestou a baixa no arroz e feijão, artigos principalmente visados pelo tal imposto. Esses artigos commerciaes já haviam sido comprados pelo nosso commercio antes da Camara pensar no imposto.

Agora, que se deu a baixa, perguntamos: quem pagaria o imposto? era o commerciante que foi apañado pelo lançamento ou o comprador estrangeiro ao concelho?

Nós dissemos que o lançamento do imposto teve principalmente em mira criar empregos, para colocar os pretendentes que por aí abundam, e aumentar os subsídios, as sincuras, que por aí se foram engendrando.

Veremos.

O ORFEON D'OVAR

Em breve, no pequeno teatro da nossa terra, iremos ouvir o Orfeon, que a excelente iniciativa do sr. Alferes Pinho e o incansavel esforço e intelligente direcção de Adolfo Amaral acabam de fundar e que, a bem dizer, é o primeiro Orfeon digno deste nome, que se cria em Ovar.

A Ovar faltava, de ha muito, alguma coisa em que elle se afirmasse sob o ponto de vista artistico, em que os rapazes vareiros mostrassem que, homens de trabalho fecundo e iniciativa creadora, tem tambem coração, sentimento e espirito vibrante e impressionaveis para as nobres, elevadas e delicadas manifestações da Arte.

A criação deste Orfeon em Ovar é, para nós, uma verdadeira resurreição; Ovar renasce para as elevadas manifestações do espirito, e do valor social desta bela iniciativa fala eloquentemente a forma admiravel por que foi recebida por todos.

Creemos que o entusiasmo entre os rapazes do Orfeon é, dia a dia, maior; dizem-nos que os ensaios, realizados com verdadeira pontualidade, tem decorrido da forma mais lisonjeira, constituindo já de per si um admiravel exemplo de coesão e disciplina, e dando direito a que tenhamos pelo seu futuro as mais belas esperanças.

E' preciso que esse entusiasmo não esfrie, que esse fervor não diminua, que essa ancia de perfectibilidade não esmoreça, para que, dentro em pouco, essas dezenas de esforços, congregados no mesmo pensamento generoso, nos proporcionem a todos alguns momentos de inolvidavel prazer espirital, traduzindo-nos, na maior e na mais divina das Artes e sob a sua forma mais expressiva talvez, o canto coral, essas nossas canções regionaes, tão cheias de colorido, tão ricas de delicada inspiração, verdadeiro espelho da alma do nosso povo, ou fazendo-nos intensamente vibrar e comovidamente sentir os acordos magistraes, com que os grandes artistas sabem impressionar e dominar a alma vibratil das multidões, proclamando, assim, a realza suprema da Arte.

Ovar, Fevereiro de 1921.

F. C.

BOA-FÉ

Até que enfim «A Patria» nos disse o que o sr. dr. Chaves propoz no congresso do seu partido. De facto o que os jornais atribuíram ao chefe *silvista* vareiro, o maior de todos, (opinião Fidalgo) em nada se parece com o que este *democratico* disse. Se o chefe *silvista* vareiro, o *inegalavel*, (ainda opinião Fidalgo) tivesse pedido a devida correcção para os jornais que deturparam o seu pensamento politico, nós só teriamos que arquivar a proposta do sr. dr. Chaves, tal como agora nos diz que foi feita, e felicita-lo pelos *vibrantes aplausos* que o chefe *silvista* vareiro, o *historico*, (opinião Sobreira e José de Almeida) recebeu no congresso do Porto.

E por aqui vê o autor do *progresso vareiro* (opinião do proprio) porque os outros já viram, que não houve intenção criminosa da nossa parte, apenas boa-fé!

Veneras

O nosso conterraneo Capitão Leite, entre as cousas sensatas que proferiu na sessão solene dos mortos do 24 na Grande Guerra, lamentou sentidamente que, em vez de se premiarem os feitos militares numa publica e patriótica exaltação dos que pela Patria se sacrificam até á morte, lembrando aos que escutam o exempló a seguir, se recorresse, antes, para a espalhafatosa dadição dos penduricalhos.

Na verdade, o bravo e modestissimo Capitão Leite teve caradas de razão na sua critica correctá e palpitante, tanto mais que o abuso que das veneras se tem feito, deixa-nos na duvida se elas representam o justo premio dum heroismo ou a immoralidade dum favor pessoal. O que se tem visto? Condecorar militares que não fizeram mais do que os outros!

Restabelecendo os factos

Nós escrevemos há tempos um artigo em que incriminavamos o soba democratico, não pelo que fizera, mas pelo que deixava fazer. Agora accusamo-lo pelo que fez e mandou fazer, por ser elle o unico responsavel, porque é o mandão do seu agrupamento.

Porque afirmamos então uma coisa diferente de agora?

Precisamente porque os factos passados se vão esclarecendo—a mentira dura, emquanto a verdade não chega. E o chefe democratico usa e abusa da falsidade para mascarar os seus actos e atirar para cima dos outros a responsabilidade dos seus feitos.

A quando das prisões e perseguições feitas em nome da defesa da Republica e que só tinham por fim encobrir vinganças pessoais—o mandão democratico a quem lhe ia falar, a proposito dos presos, respondia sempre que nada tinha com isso, que não intervinha sequer nos processos.

O administrador do concelho de então assumia a responsabilidade para si unicaamente dos processos e das prisões e tinha como seu agente directo e tambem responsavel o celebre Abel das maquinas.

Esta lenda, sempre a mesma fez opinião, e o mandão democratico só podia ser responsavel pela sua inercia perante os atentados individuais de que eram victimas vareiros perseguidos por autoridades que não eram da nossa terra.

Para mais: quando da celebre reunião para mandar os presos para a Penitenciaria, o mesmo homem que na sombra havia tramado aquela perseguição, encobria-se com um grupo correligionario seu, para que a lenda continuasse. Deixou mesmo que durante muito tempo corresse sobre essa reunião noticias erradas.

Assim dava-se como favoravel aos presos a opinião dum homem que sómente votara a sua moção pelo facto de não terem sido presos tambem muitos outros.

Emquanto que se deixava correr como votando pela perseguição, outro que opinara pela immediata soltura, por ser demasiada a prisão.

E contudo antes dessa reunião, na reunião onde esperava não ouvir uma opinião contraria, e depois de reunião nos actos subsequentes, na organização desses processos

inquisitoriais com falsos depoimentos—ele foi o unico responsavel, a *alma mater*.

Só o tempo desvendou esse segredo que ele sempre guardou, embora visse cair o odio sobre quem estava innocente.

Conhecendo a verdade, restabelecendo os factos, accusamos hoje o verdadeiro reu pelo amontoado de crimes praticados contra innocentes; accusamos o unico responsavel pela inauguração d'uma politica de vingança perversa e de perseguições, quando o nosso concelho vivia em paz.

A Companhia Electrica

Diz a «Patria»:

«Bem sabiamos o que o orgão queria: para a luz, porque a maioria dos administradores são amigos, dar á larga.»

Nós nunca manifestamos o menor desejo de que para a Companhia Electrica se desse á larga ou á estreita. Dissemos apenas que, sendo essa Companhia unicamente formada de vareiros, onde gente pobre, seduzida por mentirosas promessas de exploradores politicos, collocaram quasi tudo quanto possuíam, se lhe devia dar auxilio para ir vivendo dignamente sem ter de falir. Representava o sacrificio de muitos pobres e era um progresso para a terra. Mais nada.

Não sabemos se a maioria dos administradores da Electrica é ou não composta de correligionarios nossos.

O que sabemos é que enquanto foram os tempos das vacas gordas, a administração dessa Companhia apenas era composta do estado maior democratico, com os doutores e adherentes, entregando-se por fim a um só. E porque o sr. Antonio Brandão e Ximenes ousavam discutir as ordens d'isso, foram postos fora da direcção da maneira mais grosseira e incorrecta que se tem visto.

Veio o tempo das dificuldades, quer politicas, quer financeiras, e o estado maior abandonou a Electrica, entregando a administração a outros. E, na ocasião da eleição, affirmaram os tais democraticos—que era preciso eger uma direcção independente, que pudesse contratar com a Camara, então sidonista, e resolver as dificuldades.

Quando o vento sopra fagueiro—eles; quando vem a tempestade—ela que se faz tarde.

Foram sempre assim e continuarão...

DITO DO FIM

Achamos graça ao desplanete do dito do fim da «Patria». Escreve este jornal que um grupo de amigos nossos e cujos nomes cita, não eram republicanos por ocasião da revolta de 31 de janeiro do Porto.

Com certeza. Alguns eram a esse tempo tão novos que nem sequer sabiam o que eram partidos politicos.

Eles com o sr. dr. Pedro Chaves foram ainda muito tempo depois monarchicos. Uns ingressaram num partido, outro em outro, e até o sr. dr. Chaves que andava pairando neste e naquele, procurou entrar no franquismo, então no poder. Servia-lhe então do companheiro o sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira, que o acompanhou a Lisboa.

Hoje, ó tempos, quando a «Patria» fala no republicano sr. dr. Chaves chama-lhe *historico*.

«Remember»

Um sr. alferes escreveu num dos últimos números da «Patria», uma recordação sobre a *troultania*. Em tres períodos não se podia dizer mais sobre a *matéria*, nem menos o sr. alferes seria capaz de escrever. Achamos tudo muito bem, e só não estaria se o autor do *remember* nos não dissesse que é Rodrigues Pardal, alferes da G. N. R.

Os Passos de Ovar

II

Os seus padroeiros

Tive-os sempre desde o seu início até 1834 e da mais distinta linhagem e fidalguia.

Patrocinada na sua origem pelo conde da Feira, foi este mesmo titular o seu primeiro protector, desde logo, e nos seus descendentes directos teve a Irmandade outros tantos padroeiros. Deste facto é-nos testemunho a acta da eleição efectuada há 224 anos e que vamos transcrever do respectivo livro:

«Aos 20 dias do mez de mayo de 1694 foi servido o senhor Conde da Feira como protector da Irmandade dos Passos de Christo desta Igreja e freguezia de Sam Christovam da villa do Var a fazer a eleyção e eleger os officiaes que ham de servir este anno que vem e são os que abayxo se seguem com mais votos na forma dos estatutos, de que mandou fazer este termo e eu Manoel Rodrigues, escrivão que fiz, subscrevi.»

Mas este patrocínio passou. A casa da Feira foi incorporada na do Infantado em 1708 por falta de successão legitima na estirpe dos Pereiras Forjazos portadores desse titulo heraldico. Desde então ficou a confraria sob a egide dos Senhores Infantes, que delegavam o seu valimento, tornando-o assim mais efectivo, e directo, nos vigarios de Ovar, como consta do seguinte documento: «Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos oitenta e seis, aos vinte dois dias do mez de junho do dito anno, nesta capella do Senhor dos Passos situada na Igreja Matriz desta mesma villa, onde se achavam presentes o R.^o Padre Dionisio Dias Ruella, juiz actual desta Irmandade e com ele o Tezoureiro della Manoel André Lopes e os merdomos Francisco José Teixeira de Pinho, e Francisco Pereira, da Ruella; estando presente o Reverendo senhor João de Sequeira Monterroso e Mello, vigario desta freguezia e protector immediato desta Irmandade por ausencia do Senhor D. João, Infante de Portugal, que Deus guarde; pelos ditos officiaes foi dada posse aos novos eleitos, a saber: juiz: o Reverendo Padre Manoel da Costa Mendes; escrivão, Salvador da Rocha Tavares Pereira Corte Real; tezoureiro, Luiz Custodio Pereira, etc.»

Como a Casa do Infante foi extinta após o triunfo da revolução liberal, em 1834 em que tambem foram abolidos os padroados, ficou a Irmandade sem o alto patrocínio que desde o berço a acompanhara e constitua uma das suas mais nobres e desvanecedoras tradições.

Continua.

M. LIRIO.

A supero-inferior

Tem se o orgão *silvestra* fardado de ensinar que ao falarmos de vez em quando naquella coisa da R. da Fonte, o fazemos por inero acinte. Não é tanto assim. Senão vejamos.

Apesar da caça que se tem feito ao aluno (a isto chegamos: de se andar a pedir aos pais que mandem os filhos á supero-inferior!), os estudantes ali não chegam a tres para cada professor. Quer dizer os professores são 12 e os alunos cerca de 24!!!

Mas ha mais: cada professor ganha por mez a *bagatela* de 230\$000 res, conta redonda e apenas tem por semana 4 horas de aula! Quere dizer: faz de serviço por mez apenas 16 horas, cobrando por esse extenuante labor 230\$000 reis!

E' forte! dirão. Mas não é tudo: o pessoal menor, ou criação anda por 8 bicos, sendo um guarda-portão, outro jardineiro, etc., quando afinal não ha lá, na escola, nem portão a guardar, nem jardim! E sabem quanto leva cada cada? 160\$000 reis por mês! Da direcção de escola não falamos. Só o que nos admira é sujeitar-se a receber... um ordenadão, sem trabalho equivalente o seu actual encarregado.

São assim estas coisas e não deve a gente dizer nada: é vêr e calar, senão.

Os nossos amigos vão aos arames e dizem que nós somos isto e aquilo.

Não tem duvida: a ver lade salva e deve fazer-se conhecida, e a verdade aqui é esta: a escola infero-superior é uma imoralidade vergonhosa, assim como está.

E' um nicho que não tem a menor utilidade publica antes pelo contrario.

Para acabar, por hoje, basta dizer que os alunos tiveram passagem para o 2.^o ano, mudaram de classe, regra geral, unicamente para haver alguém que continuasse lá este ano e houvesse frequencia para o 2.^o ano.

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

Em 3, o sr. Antonio Augusto Gonçalves de Pinho, ausente na Ilha do Principe; e a menina Rosa, filha do sr. João Bernardino de Oliveira Gomes.

—No dia 5, o sr. Antonio de Oliveira Neves.

—No dia 8, o sr. José Duarte da Mota; e a sr.^a D. Alcina Ferreira de Bastos Lopes, esposa do sr. José Nunes Lopes.

As nossas felicitações.

Noticiario

12 Fevereiro

Pelo adiantado da hora, não nos é possível dar uma noticia bastante circunstanciada do que foi a festa comemorativa do 2.^o anniversario da entrada das tropas republicanas na nossa vila para a reimplantação da Republica. Limitamo-nos, por hoje, a este pequeno esclarecimento, esperando no proximo numero, dar uma desenvolvida noticia do quanto nesse dia se passou para comemoração daquella data.

Casamento

Em 3 do corrente mez, realizou-se o enlace do nosso amigo e correligionario João Gomes dos Santos Regueira com a sr.^a D. Maria da Costa Leite. O noivo que é um excelente moço muito orgulhoso do seu admirado caracter, e que tem sabido como bom republicano prestigiar a autoridade que representa levantando-a com a sua dignidade do lodaçal de ignominias e crimes a que tinha chegado, bem merece da senhora que desposou os belos dotes morais de que é dotada. Os noivos após a cerimonia religiosa seguiram para o norte em passeio. Cumprimentando os noivos *A Defeza* deseja-lhes a interminavel felicidade de que são dignos.

Pedido

Pelo nosso bom amigo Manuel Augusto Nunes Branco foi pedida em casamento a simpatica e bondosa menina Teresa Ferreira Regalado, filha do sr. José Ferreira Regalado, para o sr. Artur Garcia Paiva, intelligente director da *Imprensa Patria*. O enlace realisa-se brevemente. As nossas felicitações.

Doente

Encontra-se ainda doente o menino Francisco, filho do nosso bom amigo e correligionario, sr. Joaquim Correia Dias, administrador do nosso jornal.

Rapiças melhoras lhe desejamos.

Festa comemorativa

Conforme haviamos noticiado, realizou-se no p. p. dia 31 de Janeiro o descerramento da lapide comemorativa aos mortos da Grande Guerra, no 3.^o Batalhão de Infantaria 24.

Este acto, que foi revestido do maior brilho e solenidade, teve o seu início ás 14 horas, principiando pela formação, na parada do quartel, de toda a força disponível, seguindo-se a continencia á bandeira nacional, fechando com um brilhante discurso proferido pelo alferes do regimento sr. Cazeiro. Em seguida, teve logar o descerramento da lapide que se achava coberta com a bandeira nacional, para cuja cerimonia foi convidado o presidente do senado municipal sr. Oliveira Melo.

Foram tambem descerrados diversos quadros de honra que se achavam nas companhias, tambem cobertos pela bandeira.

Todos os comandantes das diversas companhias deste regimento, ao terminar este acto, proferiram diversas allocuções a ele alusivas.

Terminada esta cerimonia todos os convidados se dirigiram para o teatro onde se efectuou a tambem annunciada sessão solene. Chegada a numerosa assistencia a esse recinto, o ex.^{mo} comandante do regimento, sr. tenente-coronel Queimada, abeirou-se da meza da presidencia convidando para secretarios os ex.^{mos} srs. drs. Manoel Polonia, digno administrador do concelho, e Alberto Tavares, presidente da Camara Municipal, procedendo-se em seguida á abertura da sessão, onde falaram, entre outros, os seguintes oradores: srs.

major Paixão, capitão Rodrigues Leite, professores Ferraz, Cabral e dr. Pedro Chaves.

Abrilhou esta festa a banda do Regimento, que expressamente e para esse efeito veio de Aveiro, tocando tambem durante algum tempo na parada do quartel, que foi muito visitado.

Recita

Promovida pelo grupo de amadores desta vila, realisa-se no dia 24 do corrente mez uma recita cujo o produto reverte em beneficio do cofre da benemerita Associação dos Socorros Ovarense.

Levam á scena as seguintes peças: «Ave-Maria», peça em verso de Pinto da Rocha; «A Bohemia», comedia-drama em 3 actos de J. Mora Junior. Neste espectáculo toma parte a Tuna dos Bombeiros Voluntarios.

Relação dos jurados commerciaes, que hão-de servir no ano corrente1.^o SEMESTRE

Manoel Pinto de Castro, de Matozinhos, de Esmoriz; Manoel Gomes Ravasio, da rua Visconde d'Ovar, desta vila; Francisco Ferreira Coelho, da rua João de Deus, desta vila; João José Alves Cerqueira, da Praça da Republica, desta vila; Dionisio Araujo Passos, da rua Visconde d'Ovar, desta vila; Manoel Pinto Rodrigues, do Paço d'Esmoriz; Manoel da Fonseca Soares, da rua Dr. Manoel Arala, desta vila; Antonio da Cunha Farraia, da rua Elias Garcia, desta vila; José Gomes da Silva Bonifacio, da rua João de Deus, desta vila; dr. Antonio Baptista Zagalo dos Santos, da rua Elias Garcia, desta vila; Silverio Lopes Bastos, da Praça da Republica, desta vila; Manoel Fernandes Teixeira, da rua de Santo Antonio, desta vila; Francisco Correia Dias, da rua Candido Reis, desta vila; José Pinto Fernandes Romeira, dos Castanheiros, de Esmoriz; Francisco Peixoto Pinto Ferreira, da rua Elias Garcia, desta vila; Manoel d'Oliveira Ramos, idem, idem; Manoel Gomes Laranjeira, idem, idem; Francisco Fernandes de Sá Ramalho, da Boa-Vista, Esmoriz; Joaquim Maria da Silva Cardoso, da Estrada, de Cortegaça; Manoel Ferreira da Costa, das Quintas, Esmoriz; Antonio Ferreira Alves, da Estrada Nova, Esmoriz.

2.^o SEMESTRE

Manoel Augusto d'Oliveira Salvador, da rua Elias Garcia, desta vila; Manoel Pinto Romeira, dos Castanheiros, d'Esmoriz; Afonso José Martins, da rua 31 de Janeiro, desta vila; Domingos da Fonseca Soares, da rua José Estevam, desta vila; José Maria Rodrigues Figueiredo, da Praça da Republica, desta vila; Bernardino Loureiro da Cruz, de Cabanões, desta vila; Antonio Rodrigues de Matos, da rua Visconde d'Ovar, desta vila; Francisco de Matos, da rua Coronel Galhardo, desta vila; Francisco da Silva Brandão, da rua Gomes Freire, desta vila; Manoel Lourenço Ferreira, da rua Dr. Manoel Arala, desta vila; João Pacheco Polonia, da rua Ferreira Menéres, desta vila; Francisco Ferreira Lamarão, da rua João de Deus, desta vila; Agostinho Alves Fardilha, de Cortegacilhas, Cortegaça; Antonio Pinto Lopes Palavra, da rua Dr. Manoel Arala, desta vila; José Placido d'Oliveira Ramos, da rua Elias Garcia, desta vila; Fernando Artur Pereira, da rua Dr. José Falcão, desta vila; José Maria Dias de

Rezende, da rua Luiz de Camões, desta vila; Pedro Gonçalves Monteiro, do Monte, Cortegaça; Manoel José Marques de Sá, das Quintas, Esmoriz; Antonio da Silva Brandão Junior, da rua Gomes Freire, desta vila; Manoel Eerreira Dias, do Largo Miguel Bombarda, desta vila.

No proximo numero publicaremos a relação dos jurados criminaes.

ANUNCIOS**EDITAL**

Manoel Pacheco Polonia, administrador do concelho de Ovar.

Tendo-se procedido hoje, 19 do corrente, ao inquerito ordenado pelo art. 14.^o do decreto de 24 de Dezembro de 1903, para a sujeição ao regimen florestal dos terrenos do poligno das dunas de Ovar, são convidados os interessados que não hajam assistido ao dito inquerito a reclamar durante o praso de trinta dias a contar desta data, a exatidão de quaesquer declarações mencionadas no auto ou manter o prejuizo que a execução das obras proteladas lhes possa vir a causar. Estas reclamações poderão ser verbalmente apresentadas ao secretario desta administração na presença de duas testemunhas, ou ser-lhes entregue por escrito, e em duplicado, com a assinatura do reclamante que será de cruz ou a rogo, quando não saiba escrever.

Administração do concelho de Ovar, 19 de Janeiro de 1921. E, eu *Guilherme Bressone Leite Perry*, secretario que o subscrevi.

Manoel Pacheco Polonia

Agradecimento

A familia do falecido José Freire de Liz, agradece pehoradissima a todas as pessoas que lhe apresentaram condolencias e acompanharam o falecido á sua ultima morada, e bem assim aos que se dignaram assistir á missa do 7.^o dia, que por alma do seu querido morto se resou na capella de N. S. do Patrocínio.

A' briosa Associação dos Bombeiros Voluntarios, igualmente agradecem a sua incorporação no prestito; protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

MILHO DE GALATZ

Pedidos á Companhia Industrial de Portugal e Coloniaes, rua do Jardim do Tabaco, n.^o 62 a 82 - Lisboa.

CARROS

Vendem-se 4, uma charrete, uma galeira e duas carroças. Quem pretender dirigir-se a Avelino Fonseca, S. João - Valega.

AVIZ

Companhia Reseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA -- CAPITAL 1.000.000\$00 ESC.

Autorizada pelo Governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e à exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º

Enderço telegrafico VIZA-LISBOA

LISBOA

Telefones: Expediente, 3919—Administração, 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

Enderço telegrafico PORTIVIZA

PORTO

Telephone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑA: Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa—Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

O Conselho de Administração:

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva.

Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica

— OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para taçaco e muitos outros artigos.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Séde: Largo dos Loios, 92—PORTO

Receita de 1914 (Esc.)..	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601\$41
de 1915 > ..	71.197\$29,5	> > em 1915..	25.908\$15
> de 1916 > ..	537.897\$94,3	> > em 1916..	153.470\$90
> de 1917 > ..	3.139.404\$23	> > em 1917..	1.427.035\$74

Alóra os que se tem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grêvos o tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa

Directores delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papéis de credito.

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL

— OVAR —

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Impressão a ouro, prata e côres

-ARTIGOS DE PAPELARIA-